



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

MAGNA FLORA DE MELO ALMEIDA OURIQUES

**ENTRE AFETOS E MEMÓRIA, ROMANCES MARCADOS POR CARTAS:
História de vida de Maria Amélia de Oliveira**

**CAMPINA GRANDE
2016**

MAGNA FLORA DE MELO ALMEIDA OURIQUES

**ENTRE AFETOS E MEMÓRIA, ROMANCES MARCADOS POR CARTAS:
História de vida de Maria Amélia de Oliveira**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em História.

Orientadora: Prof. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo

**CAMPINA GRANDE
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O93e Ouriques, Magna Flora de Melo Almeida
Entre afetos e memória, romances marcados por cartas
[manuscrito] : história de vida de Maria Amélia de Oliveira /
Magna Flora de Melo Almeida Ouriques. - 2016.
43 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo,
Departamento de História".

1. Análise literária 2. Memória 3. Romance 4. Cartas I.
Título.

21. ed. CDD 801.95

MAGNA FLORA DE MELO ALMEIDA OURIQUES

**ENTRE AFETOS E MEMÓRIA, ROMANCES MARCADOS POR CARTAS:
HISTÓRIA DE VIDA DE MARIA AMÉLIA DE OLIVEIRA**

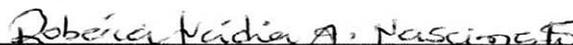
Trabalho de Conclusão de Curso em forma de monografia apresentado ao Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciando (a) em História.

Aprovada em: 01/11/2016.

BANCA EXAMINADORA

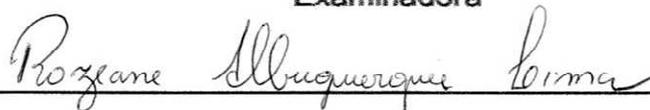


Prof. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo (UEPB)
(Orientadora)



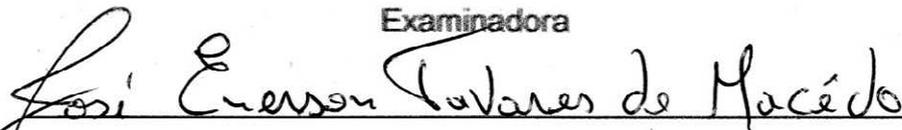
Prof. Dra. Robéria Nadja Nascimento Araújo (UEPB)

Examinadora



Profa. Me. Rozeane Albuquerque Lima (UFPE)

Examinadora



Prof. Me. José Emerson Tavares Macedo (UEPB)

Examinador

Aos meus avós maternos, (in memorian) pela
dedicação, companheirismo e amizade,
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer infinitamente a Deus, que sido maravilhoso, me proporcionando força de vontade para lutar por ideal.

Aos meus avós maternos, José Amaro de Melo (In Memoriam) e Maria Rufino de Melo (In Memoriam), aos quais não poderia compensar, mesmo que vivesse mil anos. Deram-me educação, amor e carinho, como só o fazem os nossos pais, quando somos criados por eles. A eles devo o fato de haver me tornado a pessoa que sou hoje. Amo-os muito e jamais os esquecerei.

Aos meus pais, Aluísio Braz de Almeida e Maria Natália de Melo Almeida, pelo carinho e o amor que dedicam à nossa família, sempre nos apoiando em nossas decisões.

Aos meus irmãos Fabrizio, Bruno, e, em especial, João Paulo e Yoná pelo amor que sentimos um pelo outro. Nas horas de aflição, sempre estiveram presentes para oferecer uma palavra de incentivo, que me fizesse seguir em frente.

Aos meus avós paternos, Maria Amélia de Oliveira (In Memoriam) e Geraldo Braz de Almeida (In Memoriam).

A Maria Amélia, através de cujos relatos construí minha monografia, embasada nas memórias que estão e ficarão gravadas em mim para sempre, realçando a força e a coragem de uma mulher guerreira, que sempre lutou por aquilo que idealizou.

À minha tia, Maria José de Melo, que tem me dado todo o carinho e força. Nos momentos mais difíceis, sempre esteve ao meu lado, me impulsionando para a conquista daquilo que os meus avós maternos sempre sonharam pra mim.

Em especial, o meu agradecimento mais importante dirige-se ao meu esposo, Ivaldo Ouriques de Vasconcelos e ao nosso filho, Ivelton Lucas. É por eles que Deus me dá forças para levantar todos os dias e prosseguir. Os dois são o meu coração que bate fora de mim.

Aos meus amigos, Maria Helena Tuane de Queiroz, Monyke Nascimento, Juliana Nascimento e Carlos Arthur, pelas noites de “aperreio” e pela força que me deram. Juntos desde o início, sabem das minhas lutas e poderão sempre contar comigo.

A toda a nossa turma, que vem lutando, entre altos e baixos, com o objetivo de realizar os seus sonhos.

A minha amiga Ceiça, que se transferiu para outra instituição, mas manteve o nosso vínculo de companheirismo e ajuda mútua.

Ao professor Me. Rodrigo Henrique da Costa, que sempre se mostrou disposto a ajudar os ex-alunos, quando precisassem.

À Professora Me. Rozeane Albuquerque Lima, por participar como examinadora do meu trabalho. Pelo carinho que sempre demonstrou para comigo, sagrando assim a sua importância na minha vida acadêmica.

À Professora Dra. Robéria Nadja Nascimento Araújo e ao Prof. Me. José Emerson Tavares Macedo, por participarem como examinadores do meu trabalho, tarefa à qual gentilmente se dispuseram.

A minha querida Orientadora, a Professora Doutora Patrícia Cristina de Aragão, pelo carinho, a disponibilidade e a confiança que conferiram credibilidade ao meu trabalho. Será sempre lembrada como alguém muito especial nessa caminhada que nunca termina, apenas avança para mais uma etapa.

Meu muito obrigada a todos!

CARTAS DE AMOR

*Ah! As Cartas de Amor!...
Não existem poemas mais belos,
nem canções mais lindas do que as cartas de amor!*

*E elas podem ser simples,
podem ser descoladas,
podem não ter mais que quatro ou cinco linhas,
mas sempre serão lindas,
perfeitas,
maravilhosas
e sublimes,
pelo simples fato
de serem Cartas de Amor!*

Carlos Branco

RESUMO

Em *Romances Marcados por Cartas*, realizamos uma narrativa biográfica de Maria Amélia de Oliveira, que vivenciou as décadas de 30 e 40 do século XX, tendo como objetivo principal analisar o modo pelo qual a mulher, no contexto da sociedade paraibana, experimentou as relações afetivas representadas em romances, namoro e casamento através de escritas biográficas. Por muitos anos, a figura feminina foi uma referência de submissão, imersa no modelo social patriarcal, que comandava o seu futuro e o de suas filhas. Tomando-a como objeto de estudo, desenvolvemos a nossa pesquisa, que apresenta uma faceta do papel da mulher na sociedade brasileira, com o intuito de contemplar a significância feminina e as lutas que enfrentou para conseguir o status de construtora da própria identidade, a partir do exame de aspectos como a educação e a vida sentimental. Como referencial teórico balizado para este trabalho, destacamos Halbwachs (1950) e Le Goff (1990), em seus estudos sobre memórias. Além destes, Rago (1985), Pinsky e Pedro (2013), Mill (2006) e Burke (2011), nos seus estudos que concernem às vivências e lutas femininas por seu espaço de direito. Como abordagem metodológica, trabalhamos a pesquisa bibliográfica e documental, utilizando como fontes cartas, fotografias e a biografia de Maria Amélia de Oliveira. Consideramos que o trabalho com memória e biografia, através de cartas de amor, nos permite compreender uma dada realidade social e histórica entre as múltiplas realidades cotidianas que as mulheres vivenciaram naquela época.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. História de vida. Romances. Cartas.

ABSTRACT

In *Affairs Marked by Letters*, we have made a biographical narrative based on Maria Amélia de Oliveira's life, who lived through the 30s and 40s of the twentieth century. Our major aim was to analyze how women experienced, in the context of Paraíba society, emotional relationships represented in romance, dating and marriage, through biographical writings. For many years, the female figure was a reference of submission, merged in the patriarchal society pattern, which commanded her future as well as her daughters'. Having such figure as an object of study, we performed our research, presenting a facet of the role of women in Brazilian society, in order to contemplate female significance and her struggles to get a place as the builder of her own identity, through the examination of some aspects such as education and love life. As a theoretical framework marked for this paper, we emphasize Halbwachs (1950) and Le Goff (1990), on their studies about memories, besides Rago (1985), Pinsky & Pedro (2013) Mill (2006) and Burke (2011), on their studies concerning to the experiences and struggles faced by women for the social space they actually deserve. As a methodological approach, we chose bibliographical and documentary research, using sources such as letters, photographs and a biography of Maria Amélia de Oliveira. We believe that working with memory and biography through love letters allows us to understand a given social and historical reality among multiple daily realities that women have experienced at that time.

Keywords: Memory. Life's history. Affairs. Letters.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Casal da elite brasileira e seus trajes elegantes e refinados	Erro!
Indicador não definido.	
Figura 2- Quarto de uma prostituta com detalhe na porta, local a que os homens têm livre acesso, ao contrário do quarto das mulheres da elite, franqueado unicamente ao marido.....	22
Figura 3- Representação da violência doméstica. O homem, considerado viril e superior, achava-se no direito de castigar fisicamente a companheira, como forma de punição à sua rebeldia.	23
Figura 4- <i>Jornal Rainhas Trágicas</i> , voltado para assuntos do interesse feminino..	25
Figura 5- Boletim escolar de Maria Amélia de Oliveira	28
Figura 6- Imagem referente a parte do caderninho de orações do Imaculada Conceição.	29
Figura 7- Maria Amélia de Oliveira como aluna do Colégio Imaculada Conceição, em 1936.....	31
Figura 8- Fonte: www. playbuzz.com/jornalestadodeminas/10/que-grande-mulher-voce	33
Figura 9- Maria Amélia de Oliveira quando jovem - acervo pessoal	35
Figura 10- A foto panorâmica acima mostra o cruzamento entre as ruas Afonso Campos e Vila Nova da Rainha, em 1932. <i>Fonte.: MHCG</i>	36
Figura 11- Introdução da carta enviada para Maria Amélia-	37
Figura 12- Imagem retirada de acervo pessoal	38
Figura 13- Imagem retirada de acervo pessoal.	39

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. LUTA PELA LIBERDADE AOS LUGARES DOS ROMANCES E AFETOS NAS MEMÓRIAS DAS MULHERES	14
2.1 Relações de gênero e memória: o papel da mulher em busca do seu lugar social.....	14
2.2 Sedução e violência doméstica: a voz silenciada pelo medo.	17
2.3 Do privado ao público: a mulher começa a ganhar espaço na sociedade.	25
3. ROMANCES MARCADOS POR CARTAS	27
3.1 A educação da mulher no início do século XX e a luta social pelo espaço público	27
3.2 Antes de ser mãe, sou mulher.	32
3.3 Cartas para Amélia	34
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	42

1. INTRODUÇÃO

No contexto da história, torna-se significativo entender o lugar que a mulher ocupa na sociedade e como se deu o processo de luta rumo à sua emancipação. Refletir sobre o universo feminino através da história nos remete à questão da validade da crença social segundo a qual a mulher seria o ‘sexo frágil’. Sob tal rótulo, a mulher assume o status de um ser inferior, dependente das decisões masculinas e incapaz de tomar atitudes próprias, seja no campo amoroso, educacional ou profissional.

Destacar o imaginário feminino através das cartas que impulsionavam romances secretos constitui-se em campo fértil para a pesquisa histórica, uma vez que nos permite refletir sobre o contexto sócio-histórico; os sujeitos e as maneiras como se relacionavam em seus afetos, com ou sem o consentimento dos pais. A experiência do recebimento das cartas românticas, com a sua linguagem peculiar, recebidas às escondidas, transformava e acendia o imaginário feminino; as moças arriscavam-se, engendrando astúcias para os encontros em segredo.

Esse jogo reflete a maneira de pensar de uma geração. Podemos dizer que a feição dos romances transforma-se nas diferentes épocas. Os riscos que os amantes corriam com tais encontros eram aceitos em decorrência da crença de haverem encontrado “a pessoa de seus sonhos”. Isto transformou a percepção de muitas mulheres sobre como encontrar o amor, uma vez que os romances secretos se apresentavam como uma alternativa às modalidades ‘autorizadas’ de encontrar o sexo oposto: os bailes, festas e saraus.

Sendo assim, este trabalho tem como objetivo realizar uma análise da trajetória da mulher na sociedade brasileira, trazendo o foco da discussão à sociedade paraibana, através dos romances vivenciados por Maria Amélia de Oliveira e retratados em suas cartas. Nossa proposta é perceber o modo pelo qual foram vivenciadas, na intimidade feminina, as relações afetivas – namoro e casamento – representadas nestes textos de escrita biográfica, no contexto da sociedade campinense. Para tanto, traçaremos um panorama geral de como as mulheres brasileiras viveram as décadas de 1930 e 1940, das transformações sociais que mudaram modos e comportamentos femininos e de como se desenrolaram as suas lutas pela construção da identidade social, cujos reflexos foram sentidos na sociedade campinense.

A pesquisa volta-se para as vivências afetivas femininas numa cidade do interior paraibano, em um período histórico no qual o Brasil começa a dar os primeiros passos nas lutas de gênero. Apresenta a mulher como principal objeto de estudo, ao trazer à luz a trajetória escolar, familiar e amorosa de Maria Amélia de Oliveira.

Os romances marcados por cartas traziam outra perspectiva da relação afetiva entre homem e mulher no âmbito do século XX, pois através das cartas torna-se possível captar as narrativas de como eram expressos os sentimentos entre homem e mulher no início do século passado.

Nosso interesse pela temática se verifica em função de dois aspectos. O primeiro é o fato de Maria Amélia de Oliveira ser nossa avó paterna. Quando menina e adolescente, ouvíamos as histórias de sua juventude juntamente com a nossa mãe, sua nora e confidente. As cartas retratavam a vida das moças da sua época e como aconteciam os namoros. Ao escolher um tema para a conclusão do curso, vieram à nossa lembrança as tardes em que sentávamos juntas e víamos o brilho em seu olhar, quando falava dos antigos namorados e da exigente educação religiosa, proporcionada por uma boa condição financeira.

De posse das suas cartas, vimos a possibilidade de, ao mesmo tempo, ressignificar na escrita o romance de amor vivido por nossa avó Amélia e homenageá-la. Entendemos que estas cartas são demonstrativos fundamentais para a compreensão das sensibilidades e afetos numa dada temporalidade. É com essa premissa que escolhemos o tema da pesquisa, pois as relações de gênero e os estudos sobre a mulher, ao tomarem como referência as pesquisas históricas e sociológicas sobre gênero, buscam retratar o lugar da mulher e sua luta cotidiana por emancipação.

A metodologia se baseou na pesquisa bibliográfica e documental. Num primeiro momento, fizemos a catalogação das correspondências que serviriam como *corpus* de análise. Gostaríamos de ressaltar que as informações sobre a vida de Maria Amélia são fruto de conversas informais com a informante e com a sua nora, que se dispôs a contar a história baseada em suas memórias.

As cartas nos permitiram apreender o modo pelo qual as relações afetivas, os sentimentos, as sensibilidades e as emoções encontravam representação através da escrita. Esta modalidade de texto se constitui também como artefato cultural e temporal, já que, quaisquer que sejam as características definidoras do seu contexto

de produção, a carta revela significado e significância da atitude e do estado emocional de quem a escreveu. Portanto, foi de suma importância a utilização das cartas pessoais de dona Maria Amélia de Oliveira, para que pudéssemos realizar um trabalho consistente acerca da linguagem dos casais, concretizada nas palavras de gentileza e carinho que trocavam um com o outro.

Nosso trabalho foi dividido em dois capítulos. No primeiro, intitulado *“Da luta pela liberdade aos lugares dos romances e afetos nas memórias das mulheres”*, discutimos, mediante uma articulação entre gênero e memória, as lutas femininas e o processo pelo qual a mulher começou ganhar espaço na sociedade brasileira. No segundo, intitulado *Romances marcados por cartas*, abordamos a vida de Maria Amélia de Oliveira em sua trajetória educacional e sentimental no contexto social paraibano.

2.LUTA PELA LIBERDADE AOS LUGARES DOS ROMANCES E AFETOS NAS MEMÓRIAS DAS MULHERES

2.1 Relações de gênero e memória: o papel da mulher em busca do seu lugar na sociedade

Neste capítulo, nossa proposta é discutir as questões relativas a gênero e memória, na perspectiva das mulheres, considerando o modo como vivenciaram as mudanças sociais e culturais na sociedade brasileira.

Durante séculos, as mulheres ocuparam historicamente o lugar de “coadjuvantes”, travando uma luta constante na busca do seu espaço, como dona e senhora das suas vontades e escolhas. Tratava-se de buscar e alcançar aquilo que de fato lhe correspondia, seja profissionalmente, na busca de melhorias no mercado de trabalho, seja na educação.

A mulher não quer ser o sujeito homem, mas luta por direitos iguais aos dos homens. Busca independência, motivada por objetivos e sonhos que se esforça para alcançar na vida familiar e/ou profissional. Neste sentido, torna-se importante definir as relações de gênero como o fator que transforma a mulher em objeto de pesquisa.

Como toda sociedade independente de cada época, o homem foi educado para lutar e proteger seus semelhantes ou aqueles que assim ele denominava. As mulheres, por sua vez, foram educadas como seres passivos e submissos, cumprindo os desejos daquele que as “possuísse”. Dessa forma, a partir do movimento feminista, que se originou nos Estados Unidos no final dos anos 1960 e se expandiu para a Europa, a mulher saiu do espaço doméstico para conquistar direitos iguais aos dos homens, como receber um salário, poder escolher com quem se casar, ter filhos ou não, cursar uma universidade e outros:

As pressões e demandas do movimento feminista, desde os anos 70, assim como a entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho e na vida acadêmica forçaram uma quebra do silêncio das historiadoras. O alargamento temático e as novas produções intelectuais resultantes merecem, hoje, uma avaliação crítica. Esta reflexão se faz tanto mais necessária, quanto mais nos damos conta de que a História não narra o passado, mas constrói um discurso sobre este, trazendo tanto o olhar quanto a própria subjetividade daquele que recorta e narra, à sua maneira, a matéria da história. (RAGO, 1985, p. 81).

A partir dos anos 1970, a historiografia brasileira parte de pressupostos vividos durante a história das civilizações para realizar um estudo empírico sobre relações de gênero, dando partida ao novo conceito histórico, trazendo a trajetória feminina como objeto de pesquisa. As fontes históricas se alargam e novos discursos são construídos, conferindo à mulher o lugar merecido na história, já que ela ficava à “sombra” do homem. O relato histórico, até então, delineava os caminhos da mulher sempre conduzida pelas mãos dos brancos, militares, políticos etc.

Gomes (2009) mostra que a história das mulheres inicialmente foi construída pelas militantes feministas integradas à tentativa de acompanhar novas indagações que o mundo fazia em relação ao sexo feminino. Para Rago (1985), novos temas, objetos e questões estendem-se à mulher, especialmente durante a década de 70 do século XX, dando-lhe maior visibilidade enquanto agente histórico. Inicialmente, isto se fazia a partir dos padrões masculinos de visão da história, pois, durante séculos, a mulher permaneceu “alheia” ao que acontecia na sociedade, sem que pudesse envolver-se na política, na educação, etc. Mesmo estando eventualmente atenta a tais acontecimentos, a sua opinião não era importante em âmbito público ou privado.

Rago (1985) e Gomes (2009) definem a mulher, enquanto objeto de pesquisa, como transformadora da História. Inicialmente como matriarca e procriadora, assume posteriormente o status de independente e construtora da sua história individual e social. Até meados do século XX, os estudos relacionados à mulher contemplavam aspectos ‘gerais’ característicos de um ‘universo feminino’, como bruxaria, aborto, loucura, prostituição, parto, maternidade, sexualidade, comportamento emocional etc.

O exame às relações de gênero transfigura a visão tradicionalmente dispensada à mulher, já que leva em conta um patamar de igualdade daquela em relação ao homem, separando a sua luta por lugar social e direitos na sociedade androcêntrica, da perspectiva lugar comum de objeto sexual e de desejo produzida pelo imaginário masculino. Outro mito quebrado pelo estudo das relações de gênero é o da mulher como ser indefeso, fragilizado. Tal imagem não poderia ser mais equivocada, já que ela possui em seu interior a capacidade de lutar por seus objetivos, trazendo consigo o ímpeto, a paixão, a sensualidade de envolver, de amar, de acreditar no amor e em suas ideias.

Portanto, ao analisar a mulher como agente da história, capaz de construir lutas de gênero e nelas se envolver, torna-se imprescindível destacar a atuação feminina em busca do seu espaço na sociedade, pois, em diversos momentos da História, as mulheres agiram com construtoras da sua identidade.

O estudo sobre gênero deu um grande salto a partir da Escola dos Anales, que ampliou a noção de fazer história partindo da abertura de diversos campos de pesquisa: a história das crianças, a história das mulheres, a história do corpo, a história da gastronomia, a história da sexualidade, dentre outros aspectos.

As relações de gênero ganharam espaço nesses novos campos de pesquisa, trazendo a história da mulher como objeto de estudo. Surgiu o interesse em conhecer como vivia e se portava, diferenciando-a de acordo com as classes sociais a que pertencia. A partir da segunda metade do século XIX e o início do século XX, percebe-se o interesse da historiografia em analisar como viviam as mulheres, tanto aquelas da elite quanto as de classe baixa, na luta pela sobrevivência em um país emergente e patriarcalista como o Brasil. A memória dessas famílias está impressa em relatos orais e escritos, os quais podemos utilizar para retratar como era a vida das mulheres.

De todas as “interferências coletivas” que correspondem a vida dos grupos, a lembrança é como é como a fronteira e um limite: coloca-se na intersecção de várias correntes do “pensamento coletivo”. Eis por que experimentamos tanta dificuldade para nos lembrarmos dos acontecimentos que apenas nos concernem. Vemos então que não se trata de explicitar uma essência ou uma realidade fenomenal mais compreender uma relação diferencial (HALBWACHS, 1990, p. 14).

De acordo com essa perspectiva, desponta a importância de depoimentos de outras pessoas, como familiares e amigos, que fazem parte do mesmo grupo social, para falar da história de um evento ou de alguém. A memória do indivíduo é ativada a partir da memória do outro, que fez ou faz parte de seu ciclo de convivência, através de depoimentos daqueles que fazem parte do mesmo conjunto, seja ele familiar ou de amigos. A relação do indivíduo com o grupo é de fundamental importância para relatar fatos e acontecimentos que o envolvem. Portanto, presente e passado estão interligados para o estudo da memória, levado em conta que se faz necessária uma distinção entre ambos para a conclusão de estudos e pesquisas históricas.

A distinção entre passado e presente é um elemento essencial da concepção do tempo. É, pois, uma operação fundamental da consciência e da ciência históricas. Como o presente não se pode limitar a um instante, a um ponto, a definição da estrutura do presente, seja ou não consciente, é um problema primordial da operação histórica (LE GOFF, 1990, p. 179).

O autor também destaca a importância de delimitar e distinguir passado e presente, transformando e definindo o que é contemporâneo e o que não é. Le Goff (1990) assevera que a História contemporânea começa a partir de 1789. Com base nos pensamentos do autor sobre memória, articulamos as discussões aos estudos sobre relações de gênero, buscando na contemporaneidade momentos em que essas relações se transformam em objeto de pesquisa para documentar a trajetória vivida pelas mulheres no decorrer dos séculos.

Associado a esses argumentos, presente e memória transformam-se em um conjunto para a consolidação do estudo das relações de gênero. Do ponto de vista de Le Goff (1990), a memória tem como propriedade conservar certas informações, as quais nos remetem, em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

Para Halbwachs (1990), a memória coletiva evoca lembranças talvez esquecidas por aquele que faz parte do grupo, e, a partir do relato do outro, tais lembranças ressurgem na mente daqueles que fizeram parte de acontecimentos importantes para algum componente do grupo, como a luta por direitos, a reivindicação por uma jornada de trabalho mais justa e a presença do grupo feminino para garantir seus direitos, como ser atuante na sociedade. A mulher, desde o início dos tempos, reivindica seu espaço na sociedade, em que a história era feita pelas elites e aqueles que atuavam na política.

2.2 Sedução e violência doméstica: a voz silenciada pelo medo

Como em qualquer outro lugar do mundo Ocidental as mulheres viviam em estruturas culturais, sociais e econômicas majoritariamente criadas por homens e para favorece-los, já que baseadas em ideias de superioridade masculina e subordinação feminina. Fossem elas esposas ou filhas de membros do alto escalão do governo Imperial, de homens de negócios, fazendeiros, mercadores, banqueiros ou donos de fábricas (mais no final do século) – membros das famílias que controlavam a riqueza nacional -, seu *status* era derivado de suas famílias e não de se mesmas (PINSKY; PEDRO, 2013, p. 43).

As mulheres viviam à sombra do pai quando solteiras. Ao casar, ficavam sob a dominação dos maridos, sendo a eles submissas, pois a percepção deste período era a de que a mulher não aprendia a ler e, conseqüentemente, não tinha nenhum conhecimento das letras. Sua educação se resumia às atividades domésticas. Aos 13 ou 14 anos (após o primeiro ciclo menstrual), elas já estavam aptas para o casamento com um homem da mesma classe social e escolhido pelo pai, deixando de ser submissas ao pai para tornar-se submissas do marido, que muitas vezes tinham visto em poucas ocasiões, nas reuniões sociais entre as famílias do mesmo nível social (PINSKY; PEDRO, 2013).

Enfrentar um casamento com pouca idade acarretaria em diversas conseqüências para as mulheres. O corpo sofreria com as mudanças da gravidez. Devido ao grande número de filhos que tinham, aos 25 ou 30 anos, elas já tinham o corpo cansado e transformado, e não raro a velhice chegava mais cedo para elas. Muitas meninas/mulheres terminavam falecendo cedo, seja no parto (seu corpo infantil não aguentava as dores do parto normal) ou por conta de doenças sexualmente transmissíveis trazidas pelo marido.

Portanto, o casamento arranjado fazia parte da vida das meninas, que se casavam muito jovens, seguindo uma vida tão submissa quanto a que experimentaram na casa dos pais. Sempre acompanhadas durante os passeios, pouco saíam do interior de suas residências. Ficavam mais reclusas do que a esbanjar sua beleza em passeios por praças ou outros ambientes que estariam repletos de homens, podendo chamar-lhes a atenção e despertar sentimentos contrários ao anseio dos pais.

A mulher é um ser astuto, banhado pela sabedoria. Quer queira, quer não, desperta no homem um olhar arrebatador de interesse, bem como paixões e ilusões no íntimo masculino. Isso não significa que a mulher é um ser frágil, ignorante de que despertava volúpia. Embora submissa, ela almejava em seus pensamentos construir a própria identidade. A vida das mulheres da elite no Brasil ainda era muito regrada à submissão do patriarcado, mas, mesmo assim, elas tinham acesso a alguns folhetins, que traziam imagens sobre moda e como as mulheres se vestiam na Europa.

O que sabiam da vida das mulheres europeias era o que os estrangeiros traziam em suas bagagens. As mulheres estrangeiras possuíam uma vida recatada, dentro do lar e protegida contra os olhares masculinos, diferentemente das mulheres

brasileiras que não faziam parte da elite, as escravas, vendedoras de rua ou lavadeiras, submetidas ao assédio sexual que poderia acontecer se saíssem sem a proteção da figura masculina.

Tinham uma vida reclusa e eram ensinadas pelas mães quanto aos afazeres domésticos, como bordar, cozinhar, cuidar da casa, e só saindo acompanhadas por um familiar ou uma ama. As roupas também eram uma forma de identificar uma mulher de respeito da sociedade daquela que não pertencia à elite. Roupas compostas com espartilhos marcavam sua silhueta de forma clássica, que não chamasse a atenção. A mulher levaria uma vida regrada e íntegra, o que lhes certificava a paternidade de seus filhos (PINSKY; PEDRO, 2013).

Na imagem seguinte, podemos perceber como a mulher da elite era retratada em seus trajes elegantes: bem vestida, postura imponente, uma mulher de classe, com as partes do corpo bem cobertas, só deixando à mostra as mãos e o rosto; o cabelo sempre bem arrumado e seu companheiro, igualmente elegante, de terno ou casaco, que era mais comum na segunda metade do século XX. Percebemos também como os casais se portavam durante os passeios e que essas mulheres estariam sempre acompanhadas de um parceiro - marido, pai ou irmão - para que não ficassem faladas ou mal vistas pela sociedade de que faziam parte.

Figura 1- Casal da elite brasileira, e seus trajes elegantes e refinados.



Fonte: <<https://omundovestido.wordpress.com>>.

As mulheres não se ocupavam das tarefas masculinas, mas eram completamente submissas a seus maridos ou parentes do sexo masculino. Essa era a vida das mulheres da elite: elas trabalhavam em suas residências, cuidando dos afazeres domésticos e comandando os criados, mais nunca comandavam as finanças nem participavam da política, consideradas competências dos homens.

Estes, por sua vez, tinham uma vida mais proveitosa, tanto no que diz respeito aos recursos financeiros quanto sociais. Podiam ter uma vida promíscua, na qual desfrutariam do convívio de outras mulheres, mas nunca abandonavam o lar. Se tivessem filhos fora do casamento, eles não levavam seu sobrenome nem herdariam os bens ou o status social do pai. Eram os chamados filhos bastardos, jamais conseguindo o convívio com o pai ou irmãos fruto do casamento legal. Ao contrário da mulher, que além de ter sua liberdade negada e viver trancafiada em casa, caso cometesse o adultério, seria punida severamente. O marido poderia abandoná-la (a pior humilhação era ser renegada pelo marido e o pai não a aceitar de volta em casa); seu direito de ver os filhos era negado ou, em muitos casos, era morta devido ao desrespeito por seu “senhor” (PINKY; PEDRO, 2013).

Houve alguns casos em que as mulheres tomaram as “rédeas” de sua própria vida. Em caso de viuvez, a esposa seria quem encarregada de administrar os bens deixados pelo marido. A mulher que possuía um bom status social não tinha arbítrio sobre decisões tomadas acerca de como viveria perante uma sociedade machista e cheia de regras, na qual seu lugar era dentro de casa, restrito à família e à criadagem.

Ao contrário das mulheres da elite, que, de acordo com os médicos, pertenciam à classe higienizada, a mulher sem status social tinha de cuidar de si mesma e muitas vezes ser o suporte de toda a família. As lavadeiras, ex-escravas e mulheres sem instrução levavam uma vida humilde, com grande esforço e trabalho para garantir a própria sobrevivência e a de todos os seus dependentes. Tratava-se de uma classe de mulheres que não tinham tantas opções de levar uma vida digna e sem falatórios. Sem ter recursos para uma vida mais digna aos olhos da sociedade do final do século XIX, com frequência recorriam à prostituição para se sustentarem.

A prostituta era aquela que, ao contrário da mulher elitizada, prestava-se a satisfazer as vontades masculinas irrestritamente. Ao contrário da mulher honesta, a prostituta não tinha pudor em satisfazer o homem em seus desejos libidinosos. Sua

função era dar prazer carnal e não gozava de nenhuma valorização por parte da sociedade.

Ela tem um andar, um sorriso, um olhar, uma atitude que lhe são próprios; é preguiçosa, é mentirosa, depravada, extremamente simpática ao álcool, despreocupada do futuro, e muitas vezes destituída do senso oral. Antítese da esposa honesta, a mulher da vida tem um apetite sexual exaltado, inato e incontido que leva a precocidades, por vezes fantásticas, na prática de perversões, ou mesmo do coito (RAGO, 1985, p. 89).

Percebemos, então, a diferença entre a vida da mulher da elite (digna de ter filhos, sem desejos carnis, uma mulher honrada) e a da mulher pobre, considerada mundana, suja, sem nenhum resquício de pureza. Lavadeiras, prostitutas, amas de leite, as mulheres pobres viviam numa selva lutando pela sobrevivência. As prostitutas eram consideradas estúpidas, sem pudor, com o objetivo de satisfazer sexualmente as vontades daqueles que pagavam para ter no coito prostituído aquilo que suas esposas cheias de pudor não eram capazes de oferecer na intimidade da alcova.

Podemos visualizar na imagem a seguir, que retrata como seria o quarto de uma prostituta, o detalhe da porta, onde os homens tinham livre acesso. Se fosse no quarto de uma mulher da elite, esse tipo de intimidade seria punido, pois só quem entrava no quarto de uma mulher honrada era o marido. Destaca-se também a vestimenta utilizada, com o corpo parcialmente à mostra, sendo servida por uma mulher. Além disso, não há muita preocupação em organizar o ambiente, como demonstra a pintura de William Hogarth, *O Progresso da Prostituta*.

Figura 2- Quarto de uma prostituta com detalhe na porta, local a que os homens têm livre acesso, ao contrário do quarto das mulheres da elite, franqueado unicamente ao marido.



Fonte: <<http://revistaogrito.ne10.com.br>>.

A vida relacionada à mulher no final do século XIX e início do século XX permite repensar o que era ser mulher nesse período, quanto garantir a sobrevivência era um fato primordial na vida daquelas que, sem nenhum status, iam para as ruas em busca de se sustentar. Mesmo que inúmeros fatos conspirassem contra elas, podemos afirmar que essas mulheres não eram estúpidas, e sim sem instrução educacional, embora soubessem com lidar com as adversidades que podiam causar-lhe algum embaraço.

A mulher, possuindo status social ou não, tentava levar uma vida satisfatória na realidade em que estavam inseridas. Mas fica patente também que ambas tinham alguns aspectos em comum. De elite ou não, de casamentos e pretendentes arranjados por suas famílias, as mulheres combatiam a violência doméstica. Maridos violentos para aquelas que viviam em uma sociedade aparentemente cheia de regras e imposições faziam com que se calassem perante a violência.

As mulheres pobres, por sua vez, sofriam também com a violência de seus companheiros. No caso das prostitutas, havia a violência dos clientes. Essas mulheres, além de satisfazer os desejos sexuais masculinos de todas as maneiras, eram violadas fisicamente por aqueles que pagavam para manter relações

extraconjugais, os quais se julgavam dotados do direito de explorar aquelas que os satisfaziam.

Figura 3 : Representação da violência doméstica. O homem, considerado viril e superior, achava-se no direito de castigar fisicamente a companheira, como forma de punição à sua rebeldia.



Fonte: http://pastoraldamulherbh.blogspot.com.br/2010-07-11_archive.html>.

Na imagem acima, vemos a representação da violência doméstica praticada durante séculos. O “despotismo doméstico”, conforme denominado pelo filósofo inglês John Stuart Mill no século XIX, foi justificado em nome da superioridade masculina. Dotadas de uma natureza irracional, “uterina”, úteis somente – ou principalmente – para a procriação e para a gestão da vida doméstica, as mulheres tinham de aceitar o que os homens decidiam para elas (e para o seu bem), e submeter-se à vontade do *pater familias*. O homem era o ser dominante, cabendo à mulher ser dominada.

Em todos os degraus desta escada descendente, estão os homens a quem são concedidos todos os poderes legais de um marido. O malfeitor mais desprezível tem uma mulher infeliz ligada a ele, contra quem ele podia cometer qualquer tipo de atrocidade, exceto mata-la, e, no caso de ele ser razoavelmente cauteloso, pode fazer isso sem correr o risco de qualquer penalidade legal (MILL, 2006, p. 56).

Mill (2006) descreve perfeitamente como a violência fazia parte do cotidiano da mulher. Fosse ela da elite ou não, a intolerância masculina, o ciúme ou a carga de cuidar da família talvez poderiam ser motivos para tanta agressividade, mas nada justifica o que as mulheres do século XIX passaram e o que as mulheres da contemporaneidade continuam a sofrer nas mãos daqueles a quem confiam a vida. Nada justifica a violência vivida pela mulher do século XIX e não a diferença da mulher do século XX.

Mesmo com um sentimento muitas vezes inocente, com sonhos de um marido carinhoso, cúmplice e atencioso, a mulher sofreu durante séculos com a violência e a ignorância masculina. Com frequência, eles as destravavam, não perante a sociedade, mas na intimidade. Contudo, não podemos afirmar que a vida feminina era sempre cheia de insatisfação.

O casamento arranjado entre as famílias poderia levar o jovem casal a se apaixonar, tornando-se cúmplice um do outro. Quando o amor não chegava, a obrigação de conviver com alguém por obrigação se tornava um fardo. Ainda mais penoso era entregar o corpo àquele que impunha o dever de cumprir com as obrigações de um matrimônio compulsório, já que, de acordo com Mill (2006, p.56), “a lei entregou a eles a esposa como uma coisa”. Então, o homem desfrutava da mulher ao seu bel prazer, exigindo que ela satisfizesse seus desejos sexuais sem esperar consideração.

Portanto, a mulher faz parte da história pelas suas lutas, seus desejos de independência e de ser atuante e participativa na sociedade. Ela almeja conseguir seus direitos através da sua trajetória histórica. A mulher integra a sociedade, mesmo que seja tida como inferior pelo patriarcado. Ela se engaja na luta por uma vida digna, a despeito de possíveis aspirações românticas. A luta de gênero faz parte do estudo histórico, relacionando à emancipação da mulher e fazendo dela um ser pensante e portador de sentimentos.

2.3 Do privado ao público: a mulher começa a ganhar espaço na sociedade

Figura 4- *Jornal Rainhas Trágicas*, voltado para assuntos do interesse feminino.



Fonte: <<http://rainhastragicas.com/2015/11/21/as-jornalistas-do-seculo-XIX>>.

Com base em pressupostos e diferenciações entre a mulher da elite e a mulher “comum”, com o passar dos anos, mesmo que de forma lenta, as mulheres começam a ganhar mais espaço na sociedade. Com as mudanças ocorridas ao redor do mundo, como a modernização das máquinas e a Revolução Industrial acontecendo na Inglaterra, a partir da segunda metade do século XIX, fica explícito que a mulher inaugura um novo patamar numa sociedade comandada por homens, apesar de seu salário ser inferior ao da classe dominante masculina.

O Brasil, embasado no sistema de desenvolvimento e preceitos europeus (já que o Brasil foi colonizado pelos portugueses), segue uma linha patriarcal e de submissão feminina em relação à família e à sociedade. A mulher deixa um pouco de lado o romantismo, sem perder a sua essência e feminilidade. Com a chegada da imprensa ao país, muda o cenário da sociedade feminina brasileira.

Ainda com passos lentos, a mulher vai conseguindo sair da sua zona de “conforto”, do seu espaço privado, ganhando o espaço público e protagonizando suas próprias lutas. Quando a imprensa se estabelece na sociedade brasileira, surgem alguns periódicos endereçados ao público feminino, como podemos visualizar na imagem a seguir, com notícias voltadas para esse público. Ainda na

imagem, vemos a senhora Francisca Senhorinha da Motta Diniz, redatora de *O Sexo Feminino*.

A partir de então, segue o amadurecimento feminino nas lutas por seus direitos, os quais lhes permitiram acesso ao ensino superior e ao mercado de trabalho sem que fossem consideradas “devassas” e alheias às responsabilidades do lar. Vale ressaltar ainda a batalha feminina pelo direito ao voto e por salários iguais, além de uma educação equivalente à masculina. Logo, a luta de gênero ganha força, alastrando-se pelo país ainda determinado pelos hábitos do conservadorismo. Assim, o sujeito feminino torna-se protagonista de sua própria história de vida, mesmo sabendo que a luta por direitos é duradoura, pois só em meados dos anos 1960 os movimentos feministas ganharam mais destaque nos segmentos sociais.

3. ROMANCES MARCADOS POR CARTAS

A trajetória da mulher durante muito tempo deu-se, em um primeiro momento, como submissão. Neste segundo capítulo, começamos a esmiuçar algumas conquistas com as quais o universo feminino ganha mais espaço na sociedade. Como parte dessas mudanças, trataremos da vida sentimental das mulheres, a partir do uso das cartas como fonte de nossa pesquisa, e pretendemos elucidar como essas mulheres se relacionavam com os pretendentes comunicando-se através desse documento.

3.1 Educação da mulher no início do século XX e a luta social pelo espaço público

A luta da mulher por direitos igualitários começa a ganhar força no início do século XX, com a ascensão no caminho da educação. A mulher tinha como base as primeiras letras, bordados, serviços domésticos e obediência ao pai e ao marido. A educação ganhará um ar mais feminino com as mulheres da elite, pois tinham maiores oportunidades de estudo. Essas moças ingressavam no mercado educacional como professoras primárias, papel até então exercido por homens. Percebe-se que o modelo educacional tinha base positivista (PINSKY; PEDRO, 2013).

Os professores eram conhecidos como mestres, e a vida das crianças não era tão fácil dentro da escola. Os alunos eram algumas vezes castigados por seus professores, utilizando-se da palmatória como forma de castigar os educandos. Os motivos para tanto eram muitos: falta de respeito por parte das crianças aos seus mestres, indisciplina e falta de assiduidade eram razões para acontecer os castigos.

As mudanças que estavam acontecendo no Brasil em meados dos séculos XIX e XX acarretariam um novo cenário para a história da mulher. O fim da escravidão, a instalação da República, a industrialização e a imigração garantiram à mulher mais espaço, mesmo que “acanhado” (PINSKY; PEDRO, 2013).

É a partir do ingresso da mulher no mercado de trabalho que podemos ver que o cenário educacional feminino começa a mudar. Contudo, as mulheres que moravam no interior das grandes cidades também tinham oportunidade de estudar. Essas moças saíam de suas casas para frequentar as instituições de ensino com o apoio dos seus pais.

Temos como exemplo de uma típica moça do interior Maria Amélia de Oliveira, filha de um fazendeiro, que passou parte da sua vida interna em uma escola de freiras na cidade de Campina Grande. Fazia parte, sim, da elite fazendeira da cidade, estudando no Colégio Imaculada Conceição, mais conhecido como Colégio das Damas, administrado por religiosas. Lá, aprendeu ler e escrever. Vemos na imagem abaixo um boletim referente às notas de Maria Amélia, em sua época de escola.

Figura 5- Boletim escolar de Maria Amélia de Oliveira- arquivo pessoal¹.

L. S. J. C.

COLLEGIO
DAS
DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTA

Boletim Semanal

da alumna *M. Amélia Silva*

Curso *Primário, 3º Ano*

	Nota a obter	Notas obtidas
Comportamento	30	<i>24</i>
Polidez	30	<i>30</i>
Ordem	30	<i>30</i>
Deveres e lições	30	<i>24</i>

3. Aritmética: 5

Boletim azul - A alumna deve ter obtido todas as notas
Boletim rosa - Perda de 1 até 10 notas
Boletim amarelo - Perda de 10 até 20 notas
Boletim verde - Perda de 20 até 29 notas

Campina Grande, *16* de *Abril* de *1939*

Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

As instituições religiosas abrigavam muitas moças que vinham das cidades do interior, filhas dos fazendeiros. Em busca de um pouco de “liberdade”, essas meninas, além de aprender as prendas artesanais, como bordados e afazeres domésticos, aprendiam a ler e escrever. Ao voltarem para suas fazendas, iam ensinar o que aprenderam nas instituições enquanto estavam internas.

Com Maria Amélia não foi diferente. Na zona rural de Campina Grande, na propriedade dos seus pais, foi professora, ensinando os filhos dos empregados a ler e escrever, até mesmo porque, nos anos 1930, as pessoas, homens ou mulheres,

¹ O boletim registra “Maria Amélia da Silva”, mas o correto seria “Maria Amélia de Oliveira”.

não precisavam ter formação no magistério para poder ensinar. Havia um teste chamado admissão, que esses professores faziam para estarem aptos a ensinar.

Dentro das escolas religiosas, as meninas, além de adquirir conhecimentos pedagógicos e domésticos, tinham um momento durante o dia dedicado às ações religiosas, como missas e orações. Louvores e hinos eram aprendidos pelas moças, como veremos na imagem abaixo um trecho de uma dessas orações que eram praticadas pelas estudantes.

Figura 6- imagem referente à parte do caderninho de orações do Imaculada Conceição.



Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

As orações faziam parte do cotidiano escolar das meninas que viviam internas em instituições religiosas e a educação moldada sobre os dogmas da Igreja era importante para os pais dessas moças, que, de alguma forma, acreditavam na qualidade da educação religiosa para suas filhas.

Com as mulheres ganhando mais espaço no mercado de trabalho, duas profissões ganham destaque para o universo feminino: o magistério e a enfermagem. Considerava-se que a mulher, por ser mãe, traria consigo um sentimento de carinho e compreensão para com aqueles que necessitam de cuidados e aprendizado. De acordo com Pinsky e Pedro (2013, p. 136):

O advento da República no Brasil foi marcado pela influência da doutrina positivista, que apregoava a transformação da sociedade pela educação. Nesse contexto, a “mulher” ganhou certa valorização pessoal por seu papel de “mãe” e “educadora”: para que o cumprisse bem, era preciso estar preparada. Essa ideia ampliou as preocupações com a questão da educação formal de meninas e moças.

Outro exemplo de escolas para moças era a Escola Normal, uma instituição mista. Apesar disso, com o passar dos anos, tornou-se mais frequentada por moças, pois o público masculino migrou para níveis mais superiores e de prestígio, como direção e inspeção, além de funções técnico-administrativas. Sendo assim, entre os anos de 1835 e 1890, o magistério tornou-se uma profissão majoritariamente feminina, criando uma tendência que foi chamada de “feminização do magistério”. A profissão passou a ser vista como campo por excelência para mulheres apreciadas como capacitadas e cuidadoras, educando e disciplinando as crianças.

Logo, percebemos as disparidades sociais existentes entre as moças de elite e as de classes mais populares. As mulheres de elite deixavam a convivência familiar e iam para as escolas ou instituições religiosas, onde permaneciam internas. Já as moças das camadas mais baixas, não tinham muita oportunidade. Seu objetivo maior era sobreviver numa sociedade desigual. Muitas vezes, o que ganhavam era para comprar comida, o que não está muito distante da realidade em que vivemos nos dias atuais. Naquela época, as meninas que viviam no campo e não eram filhas de fazendeiros iam para a roça muito cedo trabalhar nas lavouras e nas cozinhas das fazendas para ajudar os pais na renda familiar.

Em outro momento, vemos na imagem seguinte Maria Amélia enquanto aluna do Imaculada Conceição, com o fardamento típico e conservador próprio da época - 1936, quando estudou na instituição.

Figura 7- Imagem referente a dona Maria Amélia quando era aluna do Colégio Imaculada Conceição-1936.



Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

Nos detalhes da roupa, há uma gravata que contorna o pescoço. A saia era longa e plinçada. Apesar de a fotografia está em preto e branco, o uniforme aparenta ter as cores marrom e branco, muitas vezes características do cenário das escolas religiosas.

A educação recebida pelas moças era para serem recatadas e educadas para o lar. No entanto, em sua época, Amélia, devido às condições financeiras de seu pai, aprendeu as letras, as leis religiosas e ensinou às crianças que viviam nas comunidades de Cacimba Nova e Catolé de Boa Vista, tornando-se professora daquela localidade, ensinando aos moradores da região o que aprendeu durante sua vida educacional na instituição onde estudou durante longo período de tempo, o Colégio das Damas.

As consequências da falta de oportunidade entre as moças mais pobres acarretaria o casamento. Muitas delas casavam-se com vaqueiros que trabalhavam nas mesmas fazendas que elas e tinham muitos filhos, os quais teriam a mesma

vida que seus pais viveram naquela época. Recatadas e do lar eram a maioria das moças que viveram na época de dona Amélia. Mas, para nossa protagonista, tudo foi diferente, a começar pela educação privilegiada e a oportunidade de trabalhar como professora.

3.2 Antes de ser mãe, sou mulher

A maior parte da história das mulheres tem buscado de alguma forma incluir as mulheres como objetos de estudo, sujeitos da história. Tem tomado como axiomática a ideia de que o ser humano universal poderia incluir as mulheres e proporcionar evidência e interpretações sobre várias ações e experiências das mulheres no passado (BURKE, 2011, p. 79).

A partir dos estudos sobre as mulheres e, posteriormente, a ampliação e discussão do campo dos estudos de gênero, passou-se a deslocar o olhar sobre a mulher como objeto de pesquisa no campo das ciências humanas e sociais. No campo da pesquisa histórica, foram muitos os trabalhos que focalizaram a mulher, transformando-a em sujeito da história. Por sua vez, a mulher torna-se importante para a história a partir das suas lutas em busca de independência e construção da sua identidade.

A própria historiografia nos traz a trajetória feminina em busca de independência e identidade, transformando-a em protagonista de sua própria história de vida. No Brasil oitocentista, a mulher ainda vivia sob a tutela masculina, enquanto na Europa as mulheres já lutavam por uma qualidade de vida mais independente da figura patriarcal.

Durante muito tempo, o pensamento relegado às mulheres era o de que eram frágeis e não pensavam por si próprias. Tal postura veio a mudar, pois a mulher não é um ser impensante. Ela traz em sua trajetória histórica marcas que a fizeram cada vez mais forte, mediante a realidade de submissão e sofrimento que viviam. Frente a esta realidade, muitas mulheres se impulsionaram a lutar contra a opressão patriarcal e da Igreja, diante de uma sociedade opressora das ações e atitudes do feminino.

Nos anos 30 do século XX, tiveram início no Brasil ações feministas influenciadas pelo contexto europeu de luta do movimento feminista. Entre as mulheres que naquele momento se destacaram pelas suas posturas emancipatórias e os romances que escreveu, estava Patrícia Galvão, mais conhecida como Pagu,

militante das causas feministas. Escritora e tradutora, teve grande influência no movimento modernista de 1922. Em alguns de seus livros, Pagu descreveu a difícil vida de trabalho e assédio que muitas operárias enfrentavam nos ambientes fabris (DEL PRIORE, 2000).

Figura 8- Patrícia Galvão, a Pagu.



Fonte: <www.playbuzz.com/jornalestadodeminas/10/que-grande-mulher-voce>.

É importante ressaltar que as lutas pelos direitos da mulher dentro do movimento estavam embasadas na conquista da liberdade de pensamento, da escolha da profissão, do respeito que exigiam, de não terem seus corpos violados e sua alma maculada pela cobiça e desejo masculino de possuí-las, de mandar em seu próprio corpo.

As pesquisas relacionadas ao estudo das relações de gênero remetem a uma volta no passado, em que o homem sempre foi o construtor da história, personagem principal dos grandes eventos históricos. Percebemos, porém, que isso não é verdade, pois muitas mulheres estiveram presentes nos acontecimentos históricos. Entretanto, não foram visibilizadas.

Podemos citar como exemplo o movimento operário feminista, na luta em prol dos direitos da mulher em seu local de trabalho e pelo respeito ao corpo feminino. Na luta empreendida pelo movimento, as mulheres conseguiram ganhar mais espaço na sociedade, mas ainda é um espaço inferior àquele alcançado pelo

homem. As mulheres negras ainda são discriminadas, com cargos e salários baixíssimo. Grande parte dos funcionários das fábricas era composta por mulheres e crianças, com salários e cargos também desvalorizados, além das humilhações vividas diariamente no ambiente de trabalho. Era uma rotina pesada, de 10 a 14 horas diárias, sob supervisão dos contramestres e outros patrões.

Não queremos trazer um discurso que representa a mulher como vítima dessa história. Ao contrário, ela tem consigo a força do ideal social. Muitas mulheres deixavam os filhos em casa sob os cuidados dos irmãos maiores para trabalhar nas fábricas, que eram descritas como “antro de perdição”, “bordel”, “lupanar”. Nesse contexto, a mulher era retratada como figura indefesa e passiva dentro do ambiente fabril (RAGO, 1985). A autora ainda revela que, embora a mulher seja dona do seu corpo, ela possui desejos, e muitas preferiam a vida profana, uma vida fácil, despudorada e de prazeres a viverem reclusas em um casamento indesejado. Estamos falando das mulheres que não tinham uma vida social abastada e viviam em casas de encontros, trocando prazer por dinheiro, joias e encontros com políticos e homens com uma boa posição social.

Preferiam circular enfeitadas, com perfumes fortes e extravagantes (RAGO, 1985). Contudo, as prostitutas também não tinham uma vida fácil. Eram submissas a um estilo de vida que as deixava à margem da sociedade, mas, acima de tudo, eram mulheres. Seja da elite, operárias ou prostitutas, possuíam desejos, vontades, sonhos que as levavam além do imaginário que construía seu mundo, com base nas lutas igualitárias por direitos à educação, profissão e escolha do próprio destino.

3.3 Cartas para Amélia

Se sua amante lhe fizer propostas por meio de algumas palavras inscritas em placas entregues a você por um criado esperto, medite com cuidado sobre elas, examine suas expressões, tente adivinhar se seu amor é apenas simulado, ou se suas súplicas partem na verdade de um coração sinceramente apaixonado (BURKE, 2001, p. 203).

Estar apaixonada muda a rota da vida, pois a paixão remete a atitudes que não seriam tomadas em condições ordinárias. Os sentimentos e o turbilhão de sensações característicos da paixão tocam e afloram a sensibilidade, propiciando ações, comportamentos e pensamentos diferentes daqueles que costumeiramente se praticam. Escrever cartas de amor é buscar no âmago do coração palavras que

comunguem com gestos e atitudes, que mostrem as delicadezas do amor. As cartas para Amélia provam que o amor em diferentes temporalidades repercute no imaginário e faz alçar voos, pois não importa o tempo, mas o sentimento de amor. O amor é para ser vivido, sentido, expressado.

Os sentimentos das mulheres que viviam as décadas de 1930 e 1940 eram velados, pois os modos dos relacionamentos amorosos, como as carícias, eram mais discretos. A educação que os pais da época davam aos filhos era mais rígida. Os pretendentes não trocavam carícias na presença de outras pessoas, muito menos na frente dos pais.

Os momentos de emoções amorosas também fizeram parte da vida de Maria Amélia, filha de João Correia de Oliveira e Josepha Francisca Flor. No dia 31 de dezembro de 1921, na Fazenda Navio, nascia Maria Amélia de Oliveira, descendente dos Oliveira Lêdo. Amélia chegava a esta família pelas mãos de parteiras. Era comum para a época os partos serem realizados por mulheres experientes na arte de trazer crianças ao mundo.

Seu Jôca, como era mais conhecido o pai de dona Amélia, era fazendeiro na região e residiu na Fazenda Navio durante boa parte de sua vida. Contudo, seu pai vendeu a fazenda e lhe entregou sua parte da herança. Seu Jôca, então, comprou outra fazenda próximo à cidade de Boa Vista. A família agora era proprietária da Fazenda Cacimba Nova. Dona Amélia cresceu e se tornou uma mulher muito bonita, como podemos ver na imagem abaixo.

Figura 9 - Imagem de Maria Amélia quando jovem.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

As moças penteavam os cabelos elegantemente, como vemos na imagem acima. Era uma forma de chamar a atenção de possíveis pretendentes. Dona Maria Amélia de Oliveira, moça rica, filha única, a típica moça de cidade do interior, moradora de Catolé de Boa Vista, teve todos os pretendentes de boa situação financeira que uma jovem dos anos de 1940 poderia sonhar.

Moça culta, estudante do Imaculada Conceição, em Campina Grande, era interna da Instituição em uma época em que só podiam estudar nessas escolas as filhas dos fazendeiros, que possuíam boas condições financeiras. Vemos na fotografia Maria Amélia bem arrumada. Moças nessa situação financeira sentiam-se privilegiadas pelos mimos e cartas que lhes eram ofertadas pelos pretendentes.

Quando veio estudar no Colégio das Damas, permaneceu interna na instituição, mas logo passou a morar na casa de uma tia, dona Maria Rosalina de Mendonça, irmã de seu pai. Dona Maria Rosalina passa a ser tutora de Amélia. Seu novo endereço é na cidade de Campina Grande, onde passou o período escolar com a tia. Durante as férias, voltava à fazenda de seus pais. Na imagem abaixo, vemos a Rua Afonso Campos, esquina com a Vila Nova da Rainha, onde se localizava a casa em que dona Amélia residiu durante sua vida escolar.

Figura 10- A foto panorâmica acima mostra o cruzamento entre as ruas Afonso Campos com a Vila Nova da Rainha, em 1932. *Fonte.: MHCG²*



Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande.

² A residência é a primeira do lado direito. A imagem representa um casario do século XIX.

As saídas de Maria Amélia eram para o colégio ou para as missas a que assistia acompanhada de sua tia, já que esta não teve filhos. Nesse intermédio, Amélia conhece José Abrantes, também fazendeiro. Era também soldado e residia na cidade de Sousa, no sertão da Paraíba. Como toda moça de sua idade, dona Amélia tinha seus sonhos, pretendentes da sua classe social. Era linda, bem cuidada e vaidosa. Tinha bom poder aquisitivo; seu pai fazia seus gostos. Mesmo contrariando os seus preceitos, fazia as vontades da única filha, inclusive aceitando um pretendente à margem de sua classe social.

No entanto, mesmo sem ainda conhecer José Abrantes, seu Jôca e dona Josepha aprovaram o namoro, pois o casal desejava o melhor para a única filha, ou seja, o casamento. É nesse momento que os enamorados começam a trocar cartas, as cartas de amor de Abrantes para Amélia. No contexto em que Maria Amélia viveu a juventude, entre os meios de comunicação da época, o mais popular era a carta. Através dela, os enamorados compartilhavam notícias e buscavam informações sobre a pessoa amada, pois muitas vezes moravam distantes um do outro. As cartas da época eram escritas numa linguagem culta.

A forma de escrita apontava para a delicadeza das palavras utilizadas, promovendo uma volta ao tempo, aos prelúdios romantizados de uma vida sentimental de esperanças, promessas amorosas de ambas as partes, o que constituía a relação.

Figura 11- Introdução da carta enviada para Maria Amélia.

Caupia Grande 15/4/1

miuua queridissima
mil felicidade...

Recebi tua Carta ontem dando
tua noticia desejando as miuua.
Fiquei cheio de contentamento e
com muito prazer farro estas
lumbas dando-te as miuua...

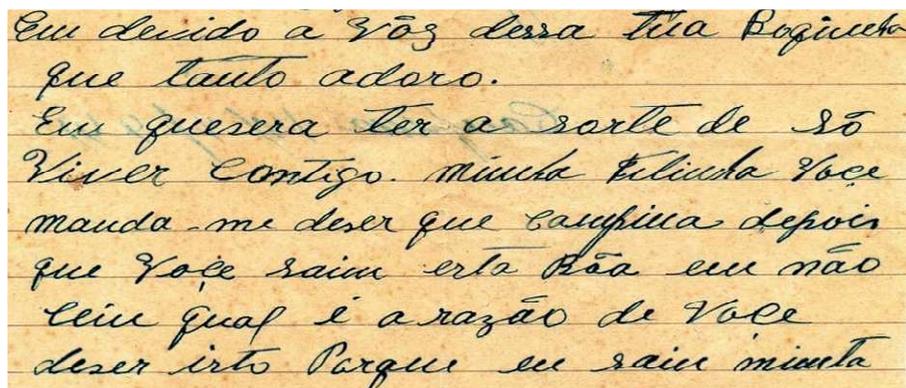
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Tornou-se comum a troca de cartas entre o casal. Na imagem acima, temos um recorte de uma dessas cartas, no qual percebemos um registro de escrita erudito e afetuoso.

Podemos observar na introdução de uma das cartas enviadas por José Abrantes a forma carinhosa com que se refere à sua amada: “minha queridinha”, e a alegria por ter recebido uma carta de dona Amélia, mostrando-se feliz pelas correspondências recebidas.

José Abrantes era soldado e serviu no Rio de Janeiro. Em outro trecho da carta, vê-se a saudade que ele expressa ao descrever seus sentimentos, quando fala “Não poço esquecer aqueles dias felizes que passávamos juntinhos³”. A forma como Abrantes expressa paixão ao escrever para a sua amada o faz externar sentimentos que aludem ao passado, levando-nos a imaginar como eram os encontros e como os enamorados trocavam carinhos através da escrita.

Figura 12- Segundo trecho da carta de Abrantes a Amélia.

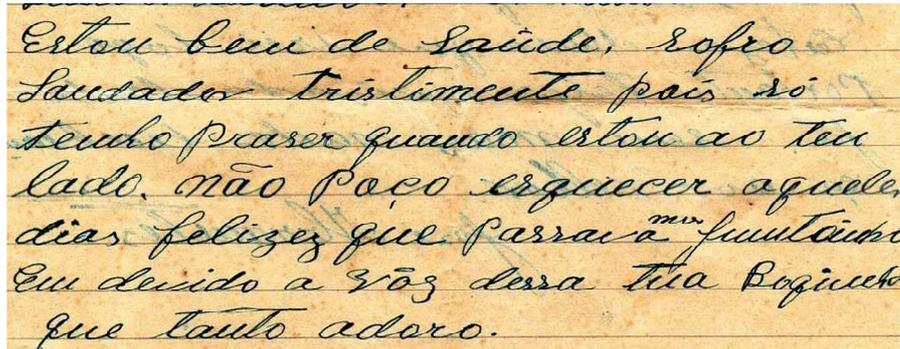


Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Os momentos vividos pelo casal numa época muito conservadora seriam um romance vivenciado mesmo à distância. Não obstante, trocavam declarações de amor de uma forma sutil e cheia de gentilezas, mais que possui um teor de paixão e de sentimentos que eclodiam quando se encontravam, como podemos perceber em mais um trecho da carta enviada por Abrantes à sua amada:

³ Escrita fiel ao registro presente no trecho da carta.

Figura 13- Terceiro trecho da carta de Abrantes a Amélia.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Percebemos que havia intimidade entre o casal e que os sentimentos eram recíprocos, já que Amélia também escrevia para o seu amado, contando as suas notícias. Mas o destino separou o casal, levando nosso apaixonado Abrantes para longe de sua amada.

Abrantes foi para o Rio de Janeiro, pois, como soldado, foi convocado para servir durante a Segunda Guerra Mundial. Antes de partir, porém, segundo contava Amélia, ele prometeu retornar, e quando este retorno acontecesse, as duas famílias participariam da vida do casal de enamorados. Como sugere o trecho da carta - “quisera ter a sorte de viver só contigo” -, as intenções do autor eram de casamento e uma vida estável com sua amada.

No entanto, é chegada a hora de Amélia voltar para casa. Dali em diante, os encontros com Abrantes ficariam mais difíceis, devido à distância. Conforme conversa informal com a nora de dona Amélia, Maria Natalia de Melo Almeida, que sempre foi confidente dos seus segredos amorosos da adolescência, a separação do casal se deu por conta da distância entre eles, pois um estava na Paraíba e o outro morando em outro país, devido ao contexto da guerra.

Mesmo depois de voltar da guerra, José Abrantes ainda enviou inúmeras cartas para Amélia, às quais não tivemos acesso por terem sido extraviadas após o falecimento dela. Através de relatos pessoais da própria Maria Amélia em vida, os namoros eram discretos e ao mesmo tempo mais “liberados” por parte dos pais, no sentido de receber os pretendentes dentro da casa, ou sair para as quermesses que aconteciam na localidade. Contudo, as jovens sempre estavam acompanhadas por uma pessoa da família. Geralmente, os casais de namorados não ficavam sozinhos por receio da família, diante de uma educação muitas vezes rígida.

As cartas faziam parte da vida de dona Amélia por um bom tempo, pois era uma pessoa discreta, fruto de sua educação religiosa. A cada seis meses, voltava para a casa dos pais para passar as férias. Nesse intervalo, nunca saía desacompanhada e não era uma moça de festividades, pois, morando em uma localidade bem distante de Campina Grande, ela só participava das festas religiosas que aconteciam na região.

O namoro entre dona Amélia e José Abrantes era sabido pelos pais da moça, que eram a favor do casamento dos dois, mas as travessias do destino mudaram a rota do casal, e cada um tomou um rumo diferente. Amélia foi uma das poucas moças de sua época e de sua localidade que se não casou aos 15 anos, já que naquele momento era comum as meninas se casarem cedo.

Ela casou-se aos 27 anos com Geraldo Braz de Almeida. Todavia, o romance com José Abrantes, marcado por cartas de amor que fizeram parte de sua juventude, foi pleno o bastante para atravessar o tempo e levá-la a guardar as doces lembranças de sua juventude e de seu amor juvenil, pois Abrantes foi uma paixão que, ao longo da sua vida, ainda a fazia voltar ao passado através de seus pensamentos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cartas de amor sugerem não apenas como as pessoas expressavam seus sentimentos e afetos por seu intermédio, mas também revelaram a importância delas para se compreender determinado contexto a partir da produção escrita. Podemos observar como as moças se comunicavam com seus pretendentes, haja vista que as cartas faziam parte da rotina de algumas delas. Como afirmamos em nosso trabalho, é através das cartas recebidas por Maria Amélia de Oliveira que vimos a forma de escrita e o tratamento com que os rapazes se dirigiam às suas “pequenas”. Carinhos e sutilezas eram trocadas pelos enamorados. A maneira pela qual se expressavam nas cartas parece até uma troca de carícias à distância.

Nossa pesquisa revelou como era a vida sentimental das moças que viveram no início do século XX, quando já podiam, de certa forma, escolher seus próprios maridos, pois a mulher do início do século XX lutou por seu lugar de direito na sociedade, conseguindo avançar em conquistas pelas quais a mulher do século XXI continua lutando para conquistar seu espaço e igualdade perante o universo masculino. Acredito que nosso trabalho contribui para o estudo sobre as mulheres, ao possibilitar na pesquisa histórica discussões sobre as memórias e o cotidiano delas em dada realidade social paraibana.

REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. **A escrita da História Novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

GOMES, Gisele Ambrósio. **Entre o público e o privado: a construção do feminino no Brasil dos oitocentos, 1827-1846**. 2009. 140f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Juiz de Fora-MG.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice e Revista dos Tribunais, 1990.

LE GOFF, Jaques. Memória. In: _____. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.

MILL, John Stuart. **A sujeição das mulheres**. Tradução de Benedita Bettencourt. Almedina, Coimbra: ed. Escala, 2006.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova história das mulheres no Brasil**. 1. ed. 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2013.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1985.

SITES E BLOGS CONSULTADOS

<<http://omundovestido.wordpress.com>>.

<<http://revistaogrito.ne10.com.br>>.

<<http://rainhastragicas.com/2015/11/21/as-jornalistas-do-seculoXXI>>.

<http://pastoraldamulherbh.blogspot.com.br/2010-07-11_archive.html>.

<www.playbuzz.com/jornalestadodeminas/10/que-grande-mulher-voce>.

<cgretalhos.blogspot.com.br/2009/10/memoriafotografica-rua-vila-nova.da#.WBNMMSQ!C-c>.

<modahistorica.blogspot.com.br/2013/05-XIX-moda-na-era-momantica.html>.

